

RELAÇÃO ENSINO E APRENDIZAGEM: CONCEPÇÃO DE UM GRUPO DE PROFESSORES DO IFPR

Relationship teaching and learning: design of a teachers group of IFPR

Camila Muniz de Oliveira

Universidade Estadual de Maringá (UEM/CRG)
camila_muniz98@outlook.com

Higor Valentim da Silva

Universidade Estadual de Maringá (UEM/CRG)
higor.v67@outlook.com

Maria Estela Gozzi

Universidade Estadual de Maringá (UEM/CRG)
estelauem@yahoo.com.br

Néryla Vayne Alves Dias

UEM/UNESP
nerylaalves@yahoo.com.br

Resumo

A didática do professor é essencial no processo de ensino e de aprendizagem. Por isso, desde a graduação o professor tem contato com inúmeras metodologias de ensino e teorias que visam esse processo das relações estabelecidas em sala de aula. O grande desafio encontrado hoje nas escolas seja particular, pública ou técnica são os fatores que levam aos alunos a não se interessarem pelos conteúdos, ou pela falta de motivação em estudar. Este trabalho descreve uma pesquisa qualitativa que visa compreender a concepção da relação de ensino e aprendizagem, e do uso de recursos didáticos de um grupo de professores atuantes no IFPR de um campus do noroeste do Paraná. Sendo a coleta de dados por meio de questionário aberto, e as análises realizadas por meio da análise de conteúdo. A partir de nossa interpretação da realidade percebemos na grande maioria dos sujeitos uma visão desmistificada da docência e da didática, compreendendo a formação como um processo complexo, que respeite as diferenças, e neste cenário os recursos didáticos são fundamentais.

Palavras-chave

Didática; ensino e aprendizagem; metodologia.

Abstract

The teaching of the teacher is essential in the teaching and learning process. Therefore, since graduation the teacher has contact with numerous teaching methodologies and theories that aim at this process of relationships established in the classroom. The major challenge found in schools today is private, public or technical are the factors that lead students to not be interested in content, or lack of motivation to study. This paper describes a qualitative research that aims to understand the conception of the relationship of teaching and learning and the use of didactic resources of a group of teachers working in the IFPR of a campus in the northwestern part of Paraná. Being the data collection through an open questionnaire, and the analyzes performed through content analysis. From our interpretation of reality we perceive in the vast majority of subjects a demystified view of teaching and didactics, understanding formation as a complex process that respects differences, and in this scenario didactic resources are fundamental.

Key words

Didactic; teaching and learning; methodology.

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas que versam sobre os processos de ensino e de aprendizagem tem se ampliado. Um dos possíveis motivos se vincula ao aumento dos recursos metodológicos que se encontram disponíveis, que por sua vez, acompanham o avanço da ciência e da tecnologia. A didática, campo responsável por compreender os processos de ensino e de aprendizagem, também se volta para investigar sobre o quanto os recursos metodológicos e as metodologias podem interferir nesse processo. Segundo Scherre e Galvão (2011, p. 2368), um problema crucial é a concepção de didática de alguns educadores, que a concebem, apenas, imbuída com as atitudes do professor. Entretanto, cabe desmistificar essa ideia, percebendo a didática em todo o processo, seja de formação, seja de atuação em sala de aula, valorizando a relação fundamental entre alunos e professor.

De acordo com Veiga (2014, p.14) “A escola deve ser concebida como espaço-tempo de diálogos democráticos, de compromisso pessoal e social com a cidadania e a formação humana”. Porém, a escola não tem atingindo esse desígnio. No ambiente de ensino o maior desafio tem sido vencer a desmotivação e desinteresse dos alunos. Essa atitude dos alunos frente ao que se apresenta na escola aparenta estar atrelado ao sistema de educação fragmentado e descontextualizado, onde a memorização é o modelo de “aprendizagem” vigente (GUIMARÃES; ECHEVERRÍA; MORAES, 2006).

De encontro a esta perspectiva, a figura do professor passa a ser fundamental para promover a ponte entre o conhecimento e a aprendizagem, mediada por um ensino que seja efetivo, construtivo. Cabe a ele “compreender o funcionamento real e articular sua visão crítica dessa realidade com suas pretensões educativas, a qual define e reformula, em virtude de contextos específicos” (PIMENTA et al, 2013, p. 149). Entendemos que este não é o único desafio a ser enfrentado para alterar o cenário atual da educação escolar, todavia sem ele nunca será possível.

De acordo com Anastasiou (2005) o conceito de ensinar que prevalece hoje, se mostra calcado na apresentação e explicação dos conteúdos no quadro. A forma: pela exposição. Essa concepção de ensino que a autora expõe, infelizmente é a realidade presente nas escolas públicas brasileiras. A aprendizagem por sua vez, acontece de forma passiva, o aluno não é desafiado a desenvolver uma atividade intelectual. Durante a aula valoriza-se apenas a transmissão dos conhecimentos, não abrindo espaços para os diálogos entre professor-aluno,

aluno-aluno e professor-aluno-conhecimento. Libâneo (2015, p.15) defende outra concepção, em que o “ensino tem seu foco, portanto, no conhecimento, mas especificamente, no processo mental do conhecimento, ou seja, na formação e desenvolvimento das capacidades e habilidades intelectuais”. Nas palavras do autor:

A aprendizagem é uma forma essencial de desenvolvimento psíquico e o caminho lógico para analisar capacidades humanas. A aprendizagem conduz ao desenvolvimento através da atividade, tendo-se em conta o papel dos fatores externos do desenvolvimento, com destaque especial à incorporação da cultura vista em sua formação histórica, não como cultura dada, tema que aparecerá na obra de Davydov. (LIBÂNEO, 2015, p. 8-9).

Portanto, o foco de discussão desse artigo se relaciona com o processo de ensino e de aprendizagem, ressaltando o significado e a importância de compreender a didática no campo da profissão docente. Em consonância com a abordagem supracitada, o objetivo principal deste trabalho foi estabelecer o diálogo com questões que norteiam o processo de ensino e aprendizagem e as concepções que um grupo de professores do Instituto Federal do Paraná (IFPR) têm sobre essa relação no seu ambiente de convivência, ou seja, a sala de aula. Para coleta de dados utilizamos questionários abertos, e os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo.

Didática: a arte de ensinar

O termo didática é falado em diversas situações ligadas ao ensino, seja no período de graduação, como nos temas de formação continuada ou até pelos próprios alunos da Educação Básica. Contudo no dia a dia, como já mencionado acima, na maioria das vezes (em geral) essa compreensão se resume ao papel ou ações do professor em sala de aula (SCHERRE; GALVÃO, 2011).

A didática possui significados amplos, contudo “o objetivo de estudo da didática é o processo de ensino – aprendizagem” (CANDAU, 1983, p.13). Toda proposta didática está impregnada, implícita ou explicitamente, de uma concepção do processo ensino-aprendizagem.

Vislumbrando o processo de ensino e de aprendizagem, a didática vem sendo estruturada desde o século XVII. Foi mencionada primeiramente por Rakte, em 1617, que apresentou seu significado inicial “Didática como arte de ensino”, em seu trabalho *Introdução geral à didática ou arte de ensino*. Mas foi Comênio, no ano de 1629, ao escrever *Didática Tcheca*, que tornou a expressão conhecida. No ano de 1633, quando a obra foi traduzida para o latim, ficou conhecida como *Didática Magna*, sendo publicada em 1657, com o foco de ensinar tudo a todos (NEVES; GASPARIN, 2010).

A partir dessa concepção, muitos autores consideram o surgimento da didática atrelada a Comênio, já que por meio dele a didática ficou reconhecida, inclusive por surgir num período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna. Conforme argumenta Pimenta et al (2013, p. 153) “a didática, em sua origem, com Comênio, surge como instrumento político para romper com a hegemonia da educação católica medieval. Portanto, já em seu início, ela surge *do e no* enfrentamento das contradições políticas, éticas e sociais”. Mas, e a didática hoje?

Libâneo (2015, p. 4) afirma que na atualidade:

A didática firma-se hoje como área de investigação consolidada, [...] do processo de ensino-aprendizagem, a relação com a epistemologia das disciplinas, a articulação entre didática e a pesquisa cultural, as aproximações interdisciplinares, os saberes docente, e ainda questões do exercício docente como o ensino de disciplinas, a diversidade sociocultural, a relação com as tecnologias digitais, a relação teoria e prática na formação inicial e continuada (entre outros).

Em acordo com Libâneo já afirmava Develay (1993 apud LIBÂNEO, 2015, p. 9) que “a didática aborda as aprendizagens a partir da lógica dos saberes [...], volta-se prioritariamente ao modelo pelo qual os alunos se apropriam dos conhecimentos.”

Podemos ainda trazer a definição elaborada por Masetto (1994 apud SCHERRE; GALVÃO, 2011, p. 3) que declara:

“a reflexão sistemática sobre o processo de ensino- aprendizagem que acontece na escola e na aula, buscando alternativas para os problemas da prática pedagógica. [...], estudo das teorias de ensino e de aprendizagem aplicadas ao processo educativo que se realiza na escola bem como os resultados obtidos.”

O resgate dessas concepções nos mostra que o estudo da didática tem o seu foco na relação e de ensino e aprendizagem, considerando a complexidade envolvida nas relações firmadas em sala de aula. Destaca pontos importantes que devem ser promovidos para construção de um processo de ensino e de aprendizagem proveitoso, agradável. Percebendo que com o avanço da ciência surgem também novas metodologias de ensino. O desenvolvimento do domínio metodológico auxilia nesse processo, visto que no chão da sala de aula temos alunos que aprendem de maneiras diferentes, indivíduos com especificidades diferentes. Por que não misturar ou trazer metodologias de ensino variadas para os alunos, se as metodologias de ensino são vistas pelos professores em formação? Compartilhamos com Scherre e Galvão (2011) que essa é uma forma de aproximar a teoria da prática e desmistificar que o processo de ensino ocorre separadamente do processo de aprendizagem.

O papel da Didática para a formação de professores

Segundo Perrenoud (2000, p. 26) entender dos conteúdos a serem ensinados é a menor das coisas, quando se pretende ensinar algo a alguém. A aprendizagem é um processo que o aluno constrói em conjunto com o seu professor, sozinho ou com seus colegas, entretanto cada aluno aprende de maneira diferente, e o professor não pode se atentar a um único modelo de ensino. O estudo da didática se enquadra nessa visão na formação de professores.

O curso de formação de professores foi implementado no Brasil em meados do século XIX, com os cursos para a formação de professores na rede primária e, em 1934, com a implementação dos cursos superiores de licenciatura, sendo formado pelos órgãos governamentais. Desde a sua implementação questionamentos a cerca da própria formação, das lacunas que ficam nesse processo, na ausência de discussão aprofundadas sobre as metodologias de ensino são apresentadas nas pesquisas, estudos e análises realizadas, nos últimos tempos (MARTINS; ROMANOWSKI; CARTAXO, 2014, p.41).

Os autores apontam a seguinte proposta de formação docente:

Nessa perspectiva, ao discutirmos a formação de professores, almejamos pensar o processo didático que viabiliza o ensino e a aprendizagem num processo de interação entre o sujeito e os objetos do conhecimento. Consideramos que o ensino reúne elementos articuladores que envolvem o professor, o estudante e o conhecimento amplo contexto que é determinante e também determinado pelos sujeitos. (MARTINS; ROMANOWSKI; CARTAXO, 2014, p.39).

Seguindo esse viés teórico, embasada nos pressupostos de Bedoya, Veiga (2014) aponta que a didática presente nas disciplinas provoca a investigação e a discussão a partir de problemas propostos, seja na teoria, seja na prática. De modo que a didática disponibiliza oportunidades e conhecimentos para o professor abrir espaço para a discussão e diálogo entre alunos e professor, permitindo a participação ativa do estudante em sala de aula. Os meios responsáveis por gerar um ambiente de discussão e investigação podem ser através do uso de: debates, novas tecnologias, simuladores e experimentações, resolução de problemas, tornando possível utilizar diversas técnicas de ensino com a finalidade de promover a aprendizagem, respeitando as diferenças, tempo de aprendizagem e especificidades dos estudantes.

2. Metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida durante a disciplina de didática, ministrada em um curso de Licenciatura em Física de uma universidade pública paranaense. Teve por objetivo analisar as concepções e perspectivas da relação de ensino e de aprendizagem de um grupo de professores do IFPR do campus de um município do noroeste do Paraná. A escolha dos sujeitos

participantes foi de responsabilidade dos autores deste trabalho, que buscou perquirir as convicções e concepções de professores inseridos em uma instituição que tem como meta promover a educação profissional e tecnológica. Podemos destacar também, que a intenção da pesquisa atrelou-se à construção da identidade docente e da formação dos alunos licenciandos (pesquisadores), em compreender o entendimento da visão de professores que atuam no ensino técnico em uma escola que é respeitada pela sua qualidade de ensino. Os sujeitos somaram-se nove professores conforme é demonstrado no Quadro 1 com a área de formação e o tempo no qual esses professores estão inseridos em sala de aula.

Quadro 1 – Relação dos sujeitos: áreas de formação e o tempo de atuação em sala de aula.

Professor	Área de Formação	Tempo de Atuação
P1	Letras	12 anos
P2	Letras	12 anos
P3	Letras	8 anos
P4	Ciência da Computação	2 anos
P5	Técnico de Gestão de Moda	15 anos
P6	Física	11 anos
P7	Artes Cênicas	26 anos
P8	Educação Física	15 anos
P9	Matemática	9anos

A necessidade de interpretar a realidade nos direcionou aos encaminhamentos da pesquisa qualitativa. Godoy (1995, p. 58) descreve que:

[...] a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

O questionário¹ foi elaborado com o objetivo de compreender de forma sistemática a concepção dos sujeitos da pesquisa. Foi composto de nove perguntas, entretanto neste trabalho apresentamos a análise de três delas, a saber: “Para você o que significa ensinar?”, “É possível ensinar tudo a todos?” e “Quais recursos didáticos você tem utilizado em sala de aula?”. O questionário foi aplicado pelos pesquisadores pessoalmente. Para análise os dados foram transcritos e organizados em categorias seguindo os pressupostos da análise de conteúdo de Bardin (2011).

A seguir apresentamos nossos resultados, interpretados de acordo com o referencial teórico já apresentado no corpo deste trabalho.

3. Resultados e Discussão

Como já mencionado, escolhemos para discorrer neste artigo a análise e interpretação de três questões: Para você o que significa ensinar?; É possível ensinar tudo a todos? () Sim () Não. Justifique; Quais recursos didáticos você tem utilizado em sala de aula?

As questões foram agrupadas para análise com o intuito de perceber a concepção dos docentes sobre o processo de ensinar, e como os recursos metodológicos interferem nesta relação. Organizamos os dados em categorias, que percebemos como principais concepções dos sujeitos investigados. A seguir apresentamos os dados que foram organizados em quadros.

Quadro 2 – Análise das respostas dos docentes

Para você, o que significa ensinar?	
Categorias	Respostas
1) Direcionar o aluno para a construção da Autonomia	<p>P1: Mostrar o caminho para aprender e resolver problemas que nos deparamos no dia a dia</p> <p>P2: Ensinar é uma das atividades mais difíceis dentre as realizadas por seres humanos. Significa aprender, pensar sobre o que aprendeu, reformular esse conhecimento fazendo-o chegar até o outro (que pode ou não estar aberto ao aprendizado). O outro pode apropriar-se desse conhecimento e deverá passar por algum desenvolvimento para que o ensino tenha sido efetivo. Ensinar é ser ponte.</p> <p>P3: Compartilhar. Se não há uma troca entre aluno-professor não há ensino.</p> <p>P5: É abrir portas, indicar o caminho da autonomia.</p> <p>P6: Ensinar, como objetivo primeiro, significa dar ferramentas para a autonomia do sujeito, para que ele consiga interpretar e interagir com o mundo à sua volta.</p> <p>Significa compartilhar com o educando, todo o conhecimento historicamente acumulado de modo crítico, a fim de transformar o sujeito social de ser biológico a ser biográfico. É dar ao educando a chance dele escrever sua história e contribuir com as mudanças no mundo.</p>

¹ Cabe destacar que esta é apenas uma parte da pesquisa realizada, que se estendeu também a alunos do IFPR sob a mesma perspectiva: compreender a relação de ensino e de aprendizagem pela visão do aluno.

	<p>P8: Ensinar significa aprender ao mesmo tempo que ensina. Significa a aproximar os alunos da vida real. Significa encanta através do conhecimento e também possibilita que as pessoas de forma geral possam ajudar umas as outras. Pois ensinar tem que aproximar os conhecimentos científicos a realidade prática.</p>
<p>2) Contextualizar, motivar, utilizando variados caminhos metodológicos</p>	<p>P4: Ensino está além de transferir o conhecimento da disciplina, tem que motivar o aluno a compreender e ir além do visto em sala de aula. Se possível, realizando atividades de pesquisa e extensão durante a aula, bem como promover a interdisciplinaridade. Pois assim o ensino será bem aproveitado, tendo significado no dia a dia do estudante.</p> <p>P9: Ensinar, na minha visão, é tornarmo-nos elo entre o conhecimento e os estudantes, fazendo isso por meio de orientação, mediando discussões e sendo suporte para tirar as dúvidas e realinhá-los no caminho do conhecimento, quando necessário.</p>

Como pode ser visualizado no Quadro 2, percebemos na análise à questão: “Para você o que significa ensinar?” duas perspectivas dominantes de concepção em relação ao ensino. Uma que compreende o ensino como possibilidade de desenvolver no aluno a autonomia (Categoria 1). Essa visão do processo de ensino e de aprendizagem se mostra além dos conteúdos das disciplinas em si, mas reconhece a formação escolar como um todo que pode oportunizar no aluno a possibilidade de ampliar sua visão de mundo e atuação na sociedade. Nesta categoria não comparecem, com destaque, como os recursos metodológicos ou a metodologia de ensino influencia no processo.

Como tivemos nove sujeitos, colocamos na íntegra as respostas dos docentes. Na interpretação dessas respostas, destacam-se os termos aprender, caminho, compartilhar, ponte, evidenciando que estes docentes entendem que a relação de ensino e aprendizagem se dá numa via de mão dupla, assim como defendido por Libâneo (2015) e Perronoud (2000). É um processo conjunto de troca, que visa em seu objetivo final desenvolver no estudante uma formação que tenha significado para a vida, para sua leitura de mundo, Os trechos das respostas transcritos no quadro evidenciam essa concepção, de maneira que sete sujeitos responderam nesta perspectiva.

Na categoria 2 percebemos um viés que compreende o ensino por meio de estratégias e recursos metodológicos, visando transpor a transmissão descontextualizada e fragmentada dos conteúdos escolares. Assim como denuncia Anastasiou (2005) o formato de ensino pautado na memorização, os sujeitos entendem que esse modelo de ensino deve ser superado, sendo necessárias oportunidades de discussão, mediação, problematização, contextualização e interdisciplinaridade; encaminhamentos que vão ao encontro à visão de Veiga (2014). Todavia,

os docentes não dimensionam no texto da resposta a influência que esta formação implicará na atuação dos estudantes. Dois sujeitos responderam nesta perspectiva. O Quadro 3 apresenta as respostas dos docentes a questão: “É possível ensinar tudo a todos?”

Quadro 3: Análise das respostas dos docentes

É possível ensinar tudo a todos? () sim () não- justifique.	
Categoria	Respostas
1) Sim, partindo de um bom método.	P4: Ensino sim, pois com um bom método de ensino qualquer um é capaz, porém, cada aluno tem seu tempo.
2) Não, devido à heterogeneidade dos alunos, diferença de interesses e diferenças de classes sociais.	<p>P1: Sempre há estudantes que não se envolvem com as aulas e não conseguem encontrar motivação para aprender.</p> <p>P2: Se não houver abertura ao conhecimento, não haverá aprendizado. Além disso, cada um carrega consigo pressupostos e características peculiares que podem facilitar ou dificultar o processo, assim como diferentes metodologias.</p> <p>P3: Jamais. O público em uma sala de aula é heterogêneo, com imensos e condições de aprendizagem distintos. As escolas não estão afinados, os professores tampouco. Isso dificulta o processo de ensino.</p> <p>P5: Existem muitos fatores que interferem na aprendizagem, tais como conflitos econômicos, sociais.</p> <p>P6: Impossível ensinar tudo à todos, principalmente com um mesmo nível de profundidade. Vários são os fatores que contribuem para isso, desde cognitivo até familiares e sociais.</p> <p>P8: Acredito que tudo é muito ampla, porém, devemos mostrar os caminhos e isso fará com que o aluno possa buscar aquilo que realmente ele tenha aptidão e pré-disposição. Devemos estimular para que eles tenham sim a vivência geral, mas, ensinar tudo não é simples.</p>
3) Não, porque não sabemos tudo.	<p>P7: Não acredito que ensinamos tudo, mesmo por que ninguém sabe tudo. O importante é contribuir na emancipação cognitiva e social para que o sujeito se torne autônomo.</p> <p>P9: Porque não sabemos tudo.</p>

Na análise desta questão percebemos três direcionamentos de juízos. Uma primeira categoria representada por apenas um professor (P4), que acredita que é possível ensinar tudo a todos, basta escolher um método adequado. Inferimos que este docente apresenta uma grande “fé” nos encaminhamentos metodológicos, e que estes são os responsáveis pelo sucesso do ensinar. Apesar de valorizar os recursos e metodologias no processo de ensino e aprendizagem,

intentando atingir todos os sujeitos, mesmo tendo habilidades e especificidades, P4 desconsidera que ninguém sabe tudo para passar a outrem, além disso, nem conseguimos nem imaginar o que seja saber tudo, considerando todo o conhecimento que já foi produzido pela humanidade. Podemos aproximar a visão de P4 à concepção da didática magna defendida por Comênio como a arte de ensinar tudo a todos (NEVES; GASPARIN, 2010). A compreensão de sua resposta também pode ser inferida a partir de sua formação e tempo de trabalho, já que P4 é formado em Ciências da Computação, e possivelmente não teve em sua formação inicial discussões aprofundadas sobre a natureza do processo de ensino e de aprendizagem, além disso, atua há dois anos como docente, estando em estágio inicial de construção de suas concepções docentes a partir de suas experiências.

A segunda categoria nega a possibilidade de ensinar tudo a todos, se assentando na concepção da heterogeneidade e especificidade de cada um, valorizando os interesses e as aptidões. Como podemos nos interessar por todo conhecimento que existe, ou já foi produzido? Nesta perspectiva comparece a ideia de que parte do desinteresse dos alunos por algumas matérias “deve” atrelar-se ao fato de não podermos ensinar tudo a todos, como pode ser visto na resposta de P1 “sempre há estudantes que não se envolvem com as aulas e não conseguem encontrar motivação para aprender”. Todavia esse entendimento deve ser cuidadoso, pois não pode ser a respostas para todo o desinteresse gerado em sala de aula, independente do trabalho do professor.

Cabe ressalva de que se construo uma relação de ensino e aprendizagem que tenha como princípio o desenvolvimento do meu aluno, mesmo sendo um tema que ele não demonstre grande habilidade, podemos oportunizar por meio de espaços mais democráticos de aprendizagem que ele compreenda a importância desse conhecimento escolar para sua formação. Oito professores responderam nesta direção.

A terceira categoria contempla respostas de professores que afirmam não ser possível ensinar tudo a todos, mas se posicionam de outro lugar para falar. Do lugar de que o professor não sabe tudo. Nós não sabemos tudo. Como poderíamos ensinar tudo a outros? Nesta visão reconhecer que o professor não sabe tudo o faz com que esteja em constante aprendizado e aperfeiçoamento, por sua vez também permite que ele tenha uma visão mais crítica sobre a forma como os alunos aprendem. Apontando indícios da necessidade de formação docente ao longo da vida profissional, e reconhecendo a própria sala de aula como um espaço de aprendizagem, como destacam Martins; Romanowski e Cartaxo (2014). É notado também que não existe a necessidade de saber tudo, como afirma P7 “[...] O importante é contribuir na

emancipação cognitiva e social para que o sujeito se torne autônomo”. Dois professores responderam nesta direção.

A terceira questão pode ser visualizada no Quadro 4, e diz respeito a “Quais recursos didáticos você tem utilizado em sala de aula?” organizamos as respostas em três categorias, podendo um docente estar em mais de uma categoria de acordo com o uso de seus recursos.

Quadro 4 - Análise das respostas dos docentes

Quais recursos didáticos você tem utilizado em sala de aula?	
Categoria	Respostas
1) Recursos Tecnológicos TICs	<p>P1: Música, filmes, seriados, slides, imagens, [...].</p> <p>P2: [...] multimídia (slides, vídeos).</p> <p>P3: Depende da escola em que atuo. Quando há possibilidade, uso projetor, recursos de mídia, etc...</p> <p>P4: [...] computadores, slides, smartphones...</p> <p>P6: Os recursos variam de sala para sala, conforme o perfil da turma, mas, no geral o que tem se mostrado mais promissor é a inclusão do uso da tecnologia em sala de aula.</p> <p>P8: Explicações através de recursos tecnológicos como data show, vídeos e textos científicos.[...]</p> <p>P9: Laboratórios de informática, projetor multimídia’, [...].</p>
2) Recursos “tradicionais”	<p>P1: [...] textos relacionados ao assunto.</p> <p>P2: Textos impressos, livros didático, [...].</p> <p>P4: Quadro negro, [...]</p> <p>P8: [...] textos científicos. Debates, seminários e aulas práticas dos conteúdos.</p> <p>P9: Laboratórios de informática, projetor multimídia’, quadro branco, artigos científicos.</p>
3) Metodologias	<p>P5: Minhas aulas são dinâmicas, onde apresento o conteúdo já aliado á uma atividade prática. Busco sempre dinâmicas de grupo ou de apresentação do conteúdo. Promovo a interação com os estudantes durante a aula, pergunta, questiono. (aula dialogada)</p> <p>P7: Acho importante proporcionar autonomia e agregar o corpo no processo de aprendizagem. Atividades em grupo e para solução de problemas são muito eficazes a forma lúdica ajuda ao estudante aprender com prazer.</p> <p>P8: [...]Debates, seminários e aulas práticas dos conteúdos.</p>

Na primeira categoria estão agrupadas as respostas dos professores que valorizam os recursos vinculados às tecnologias de informação e comunicação (TICs). Com o avanço da ciência e da tecnologia, o uso das TICs no ensino também teve destaque nas pesquisas. Esta foi

a categoria com maior incidência de uso. Sete professores afirmam utilizar recursos tecnológicos em suas aulas. Inferimos que este fator pode ser justificado pelas especificidades do próprio grupo investigado, atuantes em uma escola que promove a educação tecnológica e profissional. Além disso, os recursos didáticos das TICs são bem vistos pelos alunos, que em sua maioria são consumidores de tecnologias de informação e comunicação.

Na segunda categoria “recursos tradicionais”, elencamos recursos como: o livro didático, o quadro negro e textos impressos. Chamamos estes recursos de tradicionais por serem os mais antigos e utilizados pelos professores já há muito tempo. Esta categoria evidencia que apesar de muitos recursos didáticos e estratégias de ensino, o uso de recursos tradicionais são mantidos, e tem sua importância no processo de ensino e de aprendizagem. Quatro professores declararam utilizar esses recursos em suas aulas.

A terceira categoria “Metodologia” estão agrupadas as respostas dos docentes que não apresentaram um recurso didático, mas a forma de trabalho com o grupo, sua metodologia em sala de aula. As propostas de aula se dão em um universo de discussão e debate, por meio de atividades práticas, dinâmicas, trabalhos em grupo e atividades lúdicas. Aqui comparecem os professores, que independente do recurso utilizado, visa promover o diálogo, o interesse e a participação do aluno nas aulas.

Em relação a esta questão, nossas análises permitem afirmar que quase todos os professores estão em mais de uma categoria, inferindo que utilizam mais de um recurso para desenvolver o trabalho em sala de aula. Tal prática parece em consonância com suas concepções de ensino que se dá principalmente com o objetivo de desenvolver a autonomia dos alunos, ou seja, por meio do uso de múltiplos recursos ele potencializa as possibilidades de aprendizagem.

Considerações Finais

Este trabalho descreve uma pesquisa qualitativa que visa compreender a concepção da relação de ensino e aprendizagem, e do uso de recursos didáticos de um grupo de nove professores atuantes no IFPR de um campus do noroeste do Paraná. Sendo a coleta de dados por meio de questionário aberto.

Na análise das questões “Para você, o que significa ensinar?”, “É possível ensinar tudo a todos? () sim () não- justifique.”, “Quais recursos didáticos você tem utilizado em sala de aula?” percebemos na grande maioria dos sujeitos uma visão desmistificada, que compreende a formação como um processo complexo, que respeite as diferenças, e neste cenário os recursos didáticos são fundamentais tal como afirma Pimenta et al (2013). A partir das análises podemos

afirmar que os docentes apresentam uma visão alinhada com as pesquisas no âmbito da didática e da formação de professores, já que expressam uma visão ampla de formação, e não relegada ao conteudismo e a fragmentação dos conhecimentos, portanto estão em consonância com a percepção de Anastasiou (2005) sobre o ensino na educação básica.

Inferimos que estas concepções vão ao encontro do centro de excelência em educação que os docentes investigados trabalham. Uma escola que é reconhecida pela efetivação do seu processo de ensino e de aprendizagem e pela sua qualidade. Portanto, deve prezar um corpo docente crítico e embasados em pesquisas no campo educacional. Os resultados encontrados, apesar de demonstrar-se distante da prática da educação básica pública, estão afinados com a promoção de uma formação tecnológica e profissional de qualidade, que visa à formação ampla do sujeito, e que tem sido a formação oferecida pelos institutos federais.

Destacamos que a pesquisa se mostrou de grande valia, pois investigações desta natureza contribuem com o processo de construção da identidade docente, fator imprescindível na formação de licenciandos em processo de formação.

Agradecimentos

Agradecemos aos professores do IFPR sujeitos da pesquisa, que prontamente aceitaram a participar desta investigação.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P (org.). *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. 5 ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- GUIMARÃES, G. M. A; ECHEVERRÍA, A. R.; MORAES, I. J. Modelos Didáticos no Discurso de Professores de Ciência. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 11(3), p. 303-322. 2006.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. 1995.
- LIBÂNEIO, J. C. A Didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. *Revista Brasileira de Educação*, n. 27, 2004, p. 5-24.
- LIBÂNEIO, J. C. Formação de professores e Didática para o desenvolvimento Humano. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.40, n. 2, 2015, p. 5-24.
- CANAU, V. M. A didática e a formação de educadores - da exaltação à negação: a busca da relevância. CANAU, V. M. (Org.). *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1983.
- MARTINS, P. L. O.; ROMANOWSKI, J. P.; CARTAXO, S. R. M. *Olhar de professor*. Ponta Grossa, v. 17, n. 1, p. 37-47, 2014.
- NEVES, S. G.; GASPARIN, J. L. Os princípios fundamentais de Ratke e de Comênio para a universalização do ensino escolar. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, número esp 108 215-226, mai.2010.
- PERRENOUD, P. *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PIMENTA, S. G.; FUSARI, J. C.; ALMEIDA, M. I.; FRANCO, M. A. R. S.A construção da Didática no GT Didática – análise de seus referenciais. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, n. 52, 2013, p. 143- 241.
- SCHERRE, P. P.; GALVÃO, C. S. Didática e Mediação Pedagógica: Relação Complementar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: EDUCERE, 2011, p. 2364- 2374.
- VEIGA, I. P. A. Didática Geral e Didática Específica: Pontos para Reflexão. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 17, n.1, 2014, p. 13-19.